

## ROBERT MUSIL: as qualidades do homem moderno

Hermano Vianna

publicado originalmente na Comunicação nº 12, publicação do Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, do Museu Nacional, da UFRJ, em 1988.

57

A modernidade é caracterizada, muitas vezes, como o tempo do individualismo triunfante. A partir do Renascimento, e principalmente depois da Revolução Industrial, veríamos o indivíduo se transformar na peça fundamental do “nosso” sistema de valores, dominando tanto “nossa” visão de mundo quanto “nosso” modo de vida. A “civilização ocidental” entraria assim numa inédita fase histórica, desembaraçando-se da (ou reprimindo a) ideologia holista que organizava a vida social em épocas anteriores.

Estas teorias gerais, que tentam dar conta – com poucos conceitos – do complexo funcionamento das sociedades modernas, são charmosas mas pecam pela flagrante inconsistência. A modernidade não pode ser pensada como um sistema de valores coerentes. O próprio fortalecimento da “ideologia” individualista deve ser contraposto ao aparecimento de outras poderosas correntes anti-individualistas de todos os matizes, que também são parte integrantes, essenciais, dos tempos modernos.

Os anti-individualismos modernos não são necessariamente componentes de uma “inevitável” reação holista. A arte do século XX tem incontáveis exemplos de uma crítica radical ao “valor” indivíduo que não se confunde com a pregação do “retorno ao coletivo”. Alguns escritores atacaram por todas as frentes a idéias de indivíduo, colocando em cheque, por conseguinte, as noções correlatas de biografia, personagem, realismo e narrativa clássica. O indivíduo, no entender destes artistas, seria uma “ficção”: uma maneira confortável, mas pouco interessante, de darmos coerência ao caos nosso de todos os dias.

Robert Musil enriquece enormemente este debate com seu romance O Homem sem Qualidades, um marco incontestável da literatura moderna. São mais de duas mil páginas de um acirrado, erudito e fascinante confronto de idéias, onde o conceito de *self*, problematizado, acaba por perder toda sua substância. O homem sem qualidades é aquele que recusa ser aprisionado por uma essência ou pela linearidade de uma biografia. No homem sem qualidades nada é permanente, tudo

é sempre mutável, provisório, precário, contingente: estão abertas, para sempre, todas as possibilidades de ser.

Pretendo, no texto que se segue, levantar essas questões dentro da trama exuberante de O Homem sem Qualidades. Outros problemas, todos mais ou menos relacionados à crítica do *self*, aparecerão. Não posso ter diante deles mais que uma atitude exploratória. Este é apenas um levantamento preliminar. A riqueza da obra de Musil impede qualquer aproximação mais afoita.

### XXX

Viena está na moda. A cada dia tomamos conhecimento de novos livros e novas exposições que tentam desvendar os mistérios da capital do Império-Húngaro. Esta curiosidade é recente. Até o início dos anos 70, Viena parecia ocupar um lugar secundário na reflexão sobre a modernidade européia. Paris atraía todas as atenções: era a cidade moderna por excelência. Os olhares estavam voltados para a frenética atividade das vanguardas, para o ágil ritmo de vida da capital francesa, tão bem representado, segundo Walter Benjamin, nas operetas de Offenbach. Paris encarnaria o lado eufórico, desbravador, otimista da modernidade.

Mas algo deu errado. Dizem que os tempos modernos estão esgotados, que as vanguardas estão mortas e que o otimismo parisiense era apenas um luxo, uma ilusão. A modernidade francesa perdeu seu encanto: os pós-modernos procuram um novo lar, uma nova cidade para servir de ponto de referência, tanto afetivo quanto intelectual. Viena surge como o local onde os tempos modernos nunca mereceram muitos elogios. A virada do século vienense foi marcada pelo ceticismo, pela desconfiança radical em promessas emancipatórias, pelo tom apocalíptico e nihilista. Os pós-modernos se reconhecem nestes adjetivos. Viena pode nos dar uma valiosa lição: como suportar a “neo-decadência” sem perder o estilo.

### XXX

Estas simplificações são absurdas. Nem a modernidade parisiense foi tão otimista, nem a

modernidade vienense foi tão descrente, tão *dark*. Mas é usando esses argumentos ingênuos que vários artigos tentam explicar o fascínio que Viena passou a exercer sobre a sensibilidade contemporânea. Um fascínio talvez mórbido. Vários autores vienenses da virada do século falavam de sua época como um tempo terminal. Karl Krauss escreveu uma peça chamada Os Últimos Dias da Humanidade. A decadência do Império Austro-Húngaro era percebida como um anúncio (ou pré-estréia) da decadência geral de todos os povos. Pensar Viena, hoje, seria investigar a origem de nosso próprio mal. Quem sabe não encontramos assim a salvação.

Mas não é necessário esperar tanto de Viena para se interessar por sua vasta produção artística e intelectual. A virada do século vienense viu nascer algumas das obras mais consistentes dos tempos modernos (gostemos deles ou não). Basta citar alguns poucos nomes. Na literatura: Musil, Canetti, Broch, Hofmannsthal. Na filosofia: Wittgenstein, Krauss, Mach, Freud. Na pintura: Klimt, Kokoschka, Schiele. Na arquitetura: Loos. Na música: Schoenberg, Webern, Berg. Ainda temos inúmeros outros artistas que só agora, graças à moda vienense, estão sendo redescobertos. Todas estas pessoas se conheciam ( amigos ou inimigos), discutiam suas obras uns com os outros, principalmente nos cafés (como o Café Herrenhof, o Café Central, o Café Griensteidl, o Café Museum). Não é aqui a ocasião para discutir a velha idéia de que a produção artística floresce sempre em períodos de crise. Só é preciso dizer que a arte vienense do início deste século está intimamente ligada a uma reflexão sobre a crise geral do Império Austro-Húngaro. Um mundo estava literalmente chegando ao fim. Este fato não podia, de maneira alguma, ser ignorado.

XXX

60

Roberto Musil era uma figura central no universo intelectual vienense. Vivo, ele já era considerado por muitos como um dos maiores escritores de todos os tempos. Mas, como acontece com frequência, o respeito artístico não significa necessariamente conforto maternal. A carreira literária de Musil foi marcada por sérios problemas financeiros, mudanças constantes de cidade e uma dificuldade extrema de terminar sua obra mais importante, O Homem sem Qualidades, que permaneceu inacabada. Elias Canetti, que conhecia pessoalmente e admirava intensamente Musil, afirma que este romance nunca teria fim, por mais tempo que seu autor vivesse.

A biografia de Robert Musil pode ser considerada, dentro de certos parâmetros, típica para um

intelectual austríaco da virada do século. Nascido em 1880, na pequena cidade de Klagenfurt, filho de pai engenheiro, ele logo muda para Steyr e depois para Brünn, na Tchecoslováquia. Por escolha própria, Musil começa a estudar em escolas militares, chegando a freqüentar a Academia Militar de Viena. Em 1898, ele volta para Brünn onde estuda engenharia e toma contato com a filosofia de Nietzsche, Ernest Mach e Maeterlinck. Em 1902, sai da Áustria, considerada “muito provinciana”, e leciona na Escola Técnica Superior de Stuttgart, onde começa a trabalhar seu primeiro romance. O Jovem Törless. Em 1903, Musil se muda para a Universidade de Berlim, onde defende sua tese de doutoramento sobre Ernest Mach em 1908. Até 1914, Musil ainda mora em Viena e Roma, acompanhado por sua mulher Martha e já se dedicando exclusivamente à literatura. Com a guerra, Musil é convocado como tenente, luta no front italiano, é hospitalizado em Praga. Terminada a guerra, ele volta para Viena e, em 1927, se muda novamente para Berlim, onde publica os primeiros volumes de O Homem sem Qualidades. Fugindo do Nazismo, Musil se muda para Viena, para Zurich e depois para Genebra, onde morre em 1942. Nessa última parte de sua vida, Musil viveu em meio a terríveis dificuldades financeiras, só sobrevivendo com a ajuda de amigos que fundaram várias associações para permitir a conclusão

de O Homem sem Qualidades.

Essas inúmeras mudanças de cidades e países, apesar de excessivas em Musil, não são um fato incomum. Stephan Zweig já declarou: “com freqüência acontece-me que quando irrefletidamente digo: 'minha vida', sem querer pergunto a mim mesmo: 'que vida'? Aquela de antes da guerra mundial, aquela de antes da Primeira ou aquela de antes da Segunda ou a vida de hoje? Então, de novo, surpreendo-me a ponto de dizer: 'minha casa' e de não saber se trata-se daquela de Bath, daquela de Salsburgo ou da casa de meus pais em Viena.” (Citado por BOUVERESSE, 1975:754). Odön von Horvath escreveu em 1929: “Você me pergunta qual é o meu país de origem? Eu lhe respondo: nasci em Fiume, cresci em Belgrado, em Budapeste, em Presburgo, em Viena, em Munique e meu passaporte é húngaro, mas eu não conheço um 'Heimat'. Sou uma mistura magiar, croata, alemã, e tcheca: meu nome é magiar, minha língua materna é o alemão e é de longe o alemão que eu falo melhor.” (Citado por Edmond Charles-Roux, 1982:44). Esse sentimento de não ter um país, um lar, de viver em exílio, de ser estrangeiro (no sentido simmeliano) em todos os lugares parece ser compartilhado pela maioria dos intelectuais do Império Austro-Húngaro. Mesmo o Império, que era o produto instável da reunião de dezenas de etnias, deixa de existir durante a vida

de todas essas pessoas. Nada tinha permanência, nenhum valor, nenhuma instituição. Seria possível sobreviver a tantas transformações sem desejar a volta de uma hipotética tranqüilidade perdida?

O próprio histórico da edição de O Homem sem Qualidades reflete esse conturbado estado de coisas, assumindo, em muitos momentos, o tom absurdo e irônico de um conto de Jorge Luis Borges. Os primeiros rascunhos que anunciam o livro datam de 1902, mas só em 1930 foi publicado o primeiro volume<sup>(1)</sup>. Em 1933, Musil publica a primeira parte do

62

segundo volume. Em 1938, ele termina mais 18 capítulos e tenta publicá-los em Viena, mas a chegada dos nazistas o impede. Durante o exílio na Suíça, Musil questiona a validade dos primeiros volumes e, pouco tempo antes de morrer, confessa não saber como terminar o romance. Depois de sua morte, os manuscritos vão para Roma e ficam com Gaetano Marcovaldi, filho do primeiro casamento de Martha Musil. Segundo Martha, quatorze capítulos estariam terminados e vários outros teriam inúmeras versões possíveis. Em 1952, Alfred Frisé organiza a primeira edição alemã desses manuscritos (de onde foi traduzida a edição francesa). Nos anos 60, o casal Kaiser-Wilkins reestuda os manuscritos em Roma e prepara a edição inglesa de O Homem sem Qualidades, que tem uma ordem e um final diferente da edição alemã. Nasceram diferentes escolas de interpretação do pensamento de Musil, tentando decifrar suas reais intenções. Em 1972, os manuscritos vão para Viena, onde são reestudados por Alfred Frisé, que organiza uma nova edição alemã, lançada em 1978, com mais 700 páginas que a edição de 1952. Esses dados são relevantes pois existem vários O Homem sem Qualidades em circulação. Musil deixou uma obra não só inacabada, mas com inúmeras possibilidades de conclusão. Esta é uma característica fundamental do pensamento musiliano: o mundo está entregue a infinitos “possíveis”. Qualquer escolha é, por si só, um empobrecimento<sup>(2)</sup>.

63

Apesar dos exaltados elogios da crítica e de outros escritores, O Homem sem Qualidades não teve

- ( 1) Musil publicou O Jovem Törless em 1911, as novelas Três Mulheres em 1924, e as peças Os Exaltados, 1921, e Vicente ou a Amiga de Homens Importantes, 1923.
- ( 2) A edição portuguesa – não existe ainda uma edição brasileira – é uma lástima. Não sei por que razão dividiram o primeiro volume do livro em dois volumes, publicaram uma parte da primeira parte do segundo volume no primeiro, e ainda criaram um terceiro volume onde esta parte se repete e continua até o capítulo 38 – aqueles que foram publicados na edição de 1933. Não existe nenhuma nota explicando o paradeiro dos capítulos póstumos dando a falsa impressão ao leitor de uma edição completa. Mesmo assim, para facilitar este trabalho, vou usar as citações da tradução portuguesa. Quando precisar citar algum trecho dos capítulos “póstumos” utilizarei a tradução francesa.

muitos leitores. Permaneceu por muito tempo uma obra para iniciados. Sua repercussão internacional também foi demorada. Só em 1958 foi publicado o primeiro importante ensaio sobre o livro, de Maurice Blanchot, despertando interesse e abrindo espaço para novos estudos. Com a recente popularidade de Viena, o nome de Musil passou a ser cada vez mais citado. Vários autores reconhecem no personagem Ulrich, o próprio homem sem qualidades, os traços principais (ou a ausência de traços) da sensibilidade pós-moderna. Ulrich ganha então uma qualidade: a de ser o primeiro homem pós-moderno.

Mas o que vem a ser uma qualidade? Inúmeras polêmicas são possíveis em torno desta questão. Mesmo a tradução do título Der Mann Ohne Eigenschaften já provocou vários desentendimentos. André Gide condenou o “sem qualidades” e propôs “O Homem Disponível”. Blanchot propôs “O Homem sem Particularidades”. Este seria um título mais neutro, sem a pesada carga valorativa das “qualidades”. Ulrich não possui “qualidades” no sentido de não ter essência, uma substância, não aceitando se cristalizar em torno de nenhum valor, nenhuma ética, nenhuma verdade. Nada permanece neste homem sem qualidades. Assim como nada permanece na vida de Robert Musil ou no cotidiano do Império Austro-Húngaro.

### XXX

No primeiro volume de O Homem sem Qualidades, Musil diz explicitamente que não é a sua intenção “tentar a sério pintar um quadro histórico e entrar em competição com a realidade” (I-206). Mas em todo o romance encontramos vários comentários sobre a situação político-social do Império Austro-Húngaro, apelidado de Cacânia. Um mundo chega ao fim e os personagens têm que lidar com a perda deste mundo. A modernidade é, algumas vezes, entendida como esta Grande Perda. Desaparece a tradição, a segurança, a

sensação de continuidade. Tudo parece estar fora de controle, tudo é ruptura.

Outros autores austríacos olhavam com terror para este novo mundo. Uma personagem do romance A Marcha de Radetzky, de Joseph Roth, comenta: “[a pátria] se desfaz de corpo vivo. Ela se desfaz. Já se aniquilou. Um ancião, já perto da morte, em risco de menor abalo, mantém o velho trono, simplesmente pelo milagre de ainda poder se sentar nele. Mas por quanto tempo ainda? Por quanto

tempo ainda? Os tempos já não nos querem.” (177/8) O tom ainda é dramático, melancólico, nostálgico. O que se perdeu? Diz outro personagem: “Antigamente era mais fácil. Tudo era garantido. Cada pedra ficava no seu lugar. As estradas da vida estavam bem calçadas. Os telhados seguros pousavam em cima dos muros das casas. Mas hoje, as pedras ficam nas ruas atravessadas e confundidas em montes perigosos, os telhados têm buracos, chove nas casas, e cada um tem de saber por si mesmo que caminho tomar e para que casa mudar.” (266)

Ulrich também sabe que está vivendo num outro mundo, confuso, caótico, sem sentido. Mas isto não se configura num problema real. Seu gesto mais característico é um encolher de ombros. Nada é tão importante para merecer uma preocupação. Afinal, “o presente não tem cura”. Temos que aprender a viver numa situação irremediável.

Provocado por outro personagem (o estudante cristão pró-germânico Hans Sepp) a indicar “um único valor sólido, um valor supremo sobre o qual, por exemplo, o senhor seria capaz de orientar sua vida”, Ulrich responde, irônico, com outra pergunta: “Então você nunca se encontra em estado de poder passar sem um valor supremo?” (II-209) A vida não carece de um sentido, é possível passar muito bem sem isso e até ser feliz. Ulrich “sabe que hoje tudo se encontra dissolvido. Diz que está tudo em ponto morto, não é só ele. Mas não faz disso um drama.”

Grande parte do livro se passa nas reuniões de uma misteriosa Ação Paralela, da qual Ulrich é secretário. Não por acreditar na eficácia desta Ação, mas por ter um

**65**

emprego fácil, sem maiores perturbações. A Ação Paralela estava a procura de novos valores ou de como salvar os valores antigos e com eles salvar também o mundo imperial de uma catástrofe que todos percebiam ser iminente. Era preciso recuperar a antiga glória austríaca. Era preciso encontrar uma idéia redentora que pudesse ser transformada num plano de ação e, posteriormente, numa cura.

Algumas ameaças deviam imediatamente ser combatidas. A situação da Cacânia era muito frágil. A principal dificuldade era a insubordinação da parte húngara, além dos constantes levantes das outras minorias étnicas. Os cacanianos “consideravam-se uns aos outros com o terror pânico de fragmentos que, unindo todas suas forças, se acham reciprocamente impedidos de serem qualquer coisa.” (II-169) O imperador não tinha mais legitimidade para manter as “nacionalidades” unidas. Musil

compara sua existência a “uma dessas estrelas visíveis mas que já não existem há milhares de anos.” (I-97) Portanto, era função da Ação Paralela fortificar este Império tido por todos como moribundo. Nada podia ser mais difícil. A Ação Paralela provocou desconfianças de todas as minorias étnicas. Era impossível chegar a qualquer acordo. Era impossível descobrir qualquer Nova Grande Idéia.

As reuniões da Ação Paralela eram realizadas em Viena. O Homem sem Qualidades é um romance urbano, desde o início. Seu primeiro acontecimento é um acidente de automóvel. Ao ver o homem atropelado, estendido na calçada, um personagem diz: “os carros pesados que utilizamos em nosso país têm um campo de travagem demasiado extenso.” Um comentário absolutamente *blasé*: o drama pessoal deixa de ser único para se transformar no exemplo de uma lei mais ampla. Este ar *blasé* é talvez a principal “qualidade” dos metropolitanos. A quantidade de estímulos que nos defrontamos nas ruas de uma grande cidade é tamanha que temos que

66

desenvolver um tipo de defesa “seletora” que nos faz passar impunes pelas situações mais dramáticas (ver Simmel – A Metrópole e Vida Mental). Tanto que o acidente, e a morte do atropelado, não tem nenhuma consequência para a trama do livro.

Na metrópole, é possível perceber as principais características dos tempos modernos: “não era fácil distinguir claramente o que estava em cima e o que estava em baixo, o que avançava e o que retrocedia. 'Podemos fazer o que queremos' disse consigo o homem sem qualidades encolhendo os ombros. 'No meio dessa confusão toda isso não tem a mínima importância.’” (I-12) A grande cidade propicia a desconfiança mútua entre os homens: “grande número de pessoas, hoje em dia, sentem-se em contradição lamentável com um número não inferior de outros indivíduos... [Ulrich] conhecia esta hostilidade confusa, atmosférica, digamos, de que está saturado o ar de nossa época.”

Mas Musil não parece condenar o modo de vida metropolitano: é assim porque tem que ser, não podemos mais saltar do grande comboio moderno, que agora anda com enorme velocidade. Além disso, a metrópole tem duas “vantagens”. Ainda no começo do romance, Ulrich aluga uma casa e tem que mobiliá-la. Resultado: entra em pânico com os inúmeros possíveis ao mesmo tempo, não se conforma em ter que fazer uma escolha. Ulrich acaba optando pela indiferença, pela passividade: “abandonou a instalação de sua morada ao gosto dos fornecedores.” (I-22) Uma saída muito fácil?

Este conflito entre as exigências da atividade e as tentações da passividade é um dos pontos mais interessantes de O Homem sem Qualidades. Ulrich se deixa, na maior parte das vezes, se moldar pelo que vai acontecendo, sem

67

tomar uma decisão, sem tentar mudar o rumo das coisas. Nosso homem sem qualidades chega até a produzir uma sofisticada teoria que tenta dar conta de dois “impulsos”, das duas principais maneiras de viver: a primeira é aquela do homem “que considera a vida como uma tarefa imposta a sua atividade e a sua missão. Esta necessidade de atacar a vida, de a dominar, sempre se evidenciara em Ulrich, quer surgisse sob a forma de uma recusa perante a ordem estabelecida, quer pela aspiração a uma nova ordem, quer por exigência moral, lógica, quer simplesmente pela necessidade de manter o corpo em forma”; a segunda tem em sua base “a lembrança profunda de uma relação infantil com o mundo, uma relação de confiança e abandono.” (II-343) Ulrich não sabe como harmonizar essas duas tendências, o que cria uma incontornável contradição, a antevisão de um desconforto: “não posso mais participar desta vida, também não posso revoltar-me contra ela.” (II-309)

A personagem Ágata, a enigmática irmã de Ulrich que surge no começo do segundo volume, parece encarnar, sem angústias, a atitude passiva diante da vida. Para Ágata, a obediência é a sua mais poderosa estratégia de sobrevivência, como fica claro nesta passagem onde se lembra de sua infância: “Se lhe diziam que qualquer coisa era verdadeira ou necessária, deixava-se guiar e aceitava de boa vontade tudo o que dela exigiam, pois parecia-lhe que agir desse modo correspondia a lei do menor esforço e, além do mais, teria achado absurdo empreender o que quer que fosse contra instituições sólidas que nada tinham a ver com a sua vida e que, sem dúvidas, pertenciam a um mundo construído segundo a vontade dos pais e dos mestres. Mas ela não acreditava numa palavra do que aprendia.” (I-463) Ulrich se sente atraído por tal atitude pois considera que só nos livramos do peso da vida (“esse desânimo que desaba em segredo sobre nós quando pensamos que todos temos que morrer”) naqueles “momentos aventureiros em que o fluxo dos acontecimentos nos arrasta” (I-474), mas, ao mesmo tempo, sente medo da falta de sentido desses momentos. Ágata não entende esse medo:

68

“sempre agi desconexamente e isso não me torna uma pessoa infeliz.”

Autores como Georg Simmel e Vladimir Jankelevitch também identificam duas formas de viver uma aventura: a masculina e a feminina. Para Jankelevitch, o estilo masculino é “ir ao encontro da conjuntura e em direção das aventuras, ir procurar as aventuras lá onde elas estão, solicitar a fecundidade do surpreendente, do maravilhoso acaso, ajudar as possibilidades a se atualizarem.” Já o estilo feminino seria o “abandono à graça e ao favor imerecido da fortuna.” Em resumo: “A mulher espera a aventura, mas o homem vive as aventuras; a mulher se abandona à sorte, mas o homem a tenta.” (JANKELEVITCH, 1963:37) Simmel teria dificuldade de considerar como aventura algo desprovido de atividade: “um *'affair'* amoroso é uma *'aventura'* só para homens; para as mulheres este *'affair'* cai usualmente em outras categorias. Nas novelas de amor, a atividade da mulher é tipicamente permeada pela passividade que ou a natureza ou a história tem concedido ao seu caráter. De outro lado, a aceitação feminina da felicidade é ao mesmo tempo uma concessão e uma dádiva.” (Simmel, 1971:195) Ulrich seria aventureiro nos termos de Simmel, pois combina de uma forma problemática e precária a atividade e a passividade. Mas, como vimos, os momentos aventureiros para Ulrich são aqueles de total entrega, de total descontrole. Ágata o seduz por ser totalmente passiva. Ulrich compreende que na passividade é que reside a força, a alegria e a mais completa rebelião.

### XXX

Para entender melhor essas colocações, é preciso começar a penetrar nos “segredos” do homem sem qualidades. A entrega ao fluxo dos acontecimentos está relacionada à concepção musiliana de “impessoal”, ou melhor, “qualidades sem homem”: “quem ousaria pretender hoje que a sua cólera seja verdadeiramente sua, quando tanta gente lhe vem falar

69

dela e compartilha até numa medida maior que a dele? Constituiu-se um mundo de qualidades sem homem, se experiências vividas sem ninguém para viver, chegar-se-ia mesmo a pensar que o homem, no caso ideal, acabará por já não dispor de uma experiência privada e que o fardo suave da responsabilidade pessoal se virá a dissolver na álgebra dos significados possíveis.” (I-181/2) Musil vai mais longe: neste momento de entrega “não é o indivíduo que conta, mas apenas essa avalanche

de rostos, esses movimentos desligados do corpo agrupados e hierarquizados em exércitos de braços, de pernas ou de dentes, aos quais o futuro pertencia, tal estado pode despertar no passeante, deste modo encurralado em si próprio, o sentimento de se haver transformado num ser associal e criminoso. Mas se continua a ceder a esse sentimento, ele pode nos conduzir de súbito a um bem-estar, a uma irresponsabilidade física irrefletida, como se o corpo já não pertencesse a um mundo em que o Eu sensorial está encerrado em pequenos vasos e cordões nervosos, mas sim banhado por uma doçura de olhos fechados.” (I-458) Ágata chamaria esse estado de irresponsabilidade e bem-estar de “salvação pela estatística”. O homem sem qualidades recusa a liberdade de escolha e prefere as qualidades sem homem.

Mas o que é um homem sem qualidades? É aquele homem que se anulou inteiramente como sujeito, vivendo na mais completa indecisão e indiferença? Para um pensador como Simmel, a indiferença é o pior dos males, aquilo que nenhuma sociedade pode suportar. Mesmo o conflito, o ódio, a inveja teriam alguma positividade social. A indiferença seria puramente negativa pois implica a rejeição e o término da sociação. Para Musil, a indiferença exerce um fascínio absoluto. Mas nem por isso o homem sem qualidades é alguém totalmente indiferente.

Ulrich tentou ter qualidades, ser um Grande Homem mas fracassou várias vezes. Na primeira tentativa, ele entrou para o exército, inspirado em Napoleão. A segunda tentativa foi a engenharia. A terceira, e a mais importante,

70

foi a matemática, na qual fez seu doutorado e era até mais ou menos respeitado, um cientista do futuro. Mas “um belo dia, Ulrich renunciou mesmo a querer ser uma esperança.”

É depois dessa data, e dessa “decisão”, que o romance tem início, quando Ulrich já tem 32 anos e está de volta a Viena, sem planos para o futuro. Walter, o amigo que o apelida de homem sem qualidades, questiona (conversando com sua mulher, a nietzschiana Clarisse): “Porque espécie de homem o tomarias? Acaso tem o ar de médico, de comerciante, de diplomata, de pintor?... Mas tem porventura o ar de um matemático?” Clarisse retruca: “Isso não sei. Como queres tu que saiba qual é o ar de um matemático?” Walter concorda: “Tens toda a razão. Um matemático não tem ar de coisa nenhuma; isto é, tem um ar inteligente de modo tão geral que não faz nenhum sentido.” (I-75)

Depois de outros comentários, Walter acrescenta: “Não vou examinar em pormenor todas as suas

qualidades porque afinal de contas, ele não as possui. Elas fizeram dele aquilo que é, determinaram-lhe a orientação e contudo não lhes pertence... Para ele nada é estável. Tudo está sujeito a mudança, tudo é apenas um conjunto, ou vários conjuntos, estes fazendo talvez parte de um superconjunto acerca do qual, no entanto, ninguém sabe nada.”(I-76)

Ulrich concordaria com essas afirmações de Walter. Seus comentários sobre sua condição de homem sem qualidades são até mais explícitos: “É tão difícil falarmos de nós: de fato, eu poderia dizer que nunca consegui viver sob o império de uma idéia constante. Não encontrava nenhuma.” (III-278)

Ulrich “odeia secretamente como a morte tudo aquilo que finge ser imutável, os grandes ideais, as grandes leis e a sua pequena imagem petrificada: o homem satisfeito. Nada há que ele considere firme, nenhuma pessoa, nenhuma ordem: porque os nossos conhecimentos podem modificar-se cada dia, ele não acredita em nenhuma ligação e cada coisa só mantém o seu valor até o próximo ato de criação, como um rosto a quem se fala e que se vai alterando com as palavras.” (I-186) A própria humanidade pode ser vista como um

71

homem sem qualidades: “de resto, temos o direito de recordar que até um sujeito experiente como a humanidade parece conformar-se com princípios análogos. Ele revoga a longo prazo tudo quanto fez, para o substituir por outra coisa; para ela também, com o tempo, os crimes transformam-se em virtudes e vice-versa; utilizando os acontecimentos ergue grandes arquiteturas intelectuais que após algumas gerações deixa desmoronar.” (I-309)

Pensando assim, Ulrich procura uma moral que possa estar ligada à mobilidade dos acontecimentos: a moral não é “nem dominação nem fria sabedoria, mas sim a totalidade infinita das possibilidades de vida. Acreditava numa possível gradação na moral, acreditava na existência de degraus no uso que dela se faz e não apenas, como é de hábito, no conhecimento que dela se tem, considerando-a uma obra acabada para a qual os homens ainda não estivessem suficientemente puros. Acreditava na moral, sem acreditar em nenhuma moral definida. Vulgarmente, entende-se por moral uma soma de normas policiais que servem para manter a ordem na vida; como nem sequer a vida lhes obedece, parecem impossíveis de observar à risca e conseqüentemente, desta forma mesquinha, assimiláveis a um ideal. Mas não é necessario reduzir a moral a isso, a moral é imaginação.” (III-431) Para Musil, e para Ulrich, a imaginação é necessariamente uma anti-filosofia: “os filósofos são seres violentos que, não dispondo de um exército, submetem o mundo e o encerram dentro de um sistema.” (I-310) Toda

concepção acabada de mundo é tirânica: nega as transformações, as surpresas, e coloca a realidade na camisa de força de um arcabouço teórico. O homem sem qualidades ignora, odeia ou despreza (se revoltar seria um termo ativo demais) esta tirania filosófica. Musil é o escritor da radical impermanência.

72

Partindo dessas premissas, podemos compreender melhor a aproximação, tanto de Musil quanto de Ulrich, com a ciência moderna, principalmente com o positivismo de Ernest Mach. Hoje, o pensamento de Mach parece ter sido esquecido, mas o início do século em Viena, era fonte de intermináveis debates. Já falei que a tese de doutorado de Musil tinha como objetivo a obra de Ernest Mach. Mas a influência deste pensador/cientista era muito mais ampla. Mach era amigo dos poetas da Jung Wien e do crítico literário Hermann Bahr. Hugo von Hofmannsthal e Peter Altenberg assistiam suas aulas na Universidade de Viena. Mach inspirou Carnap, o economista Schupeter e o austromarxismo, merecendo por isso ataques de Lenin em seu panfleto Materialismo e Empirocriticismo.

Sobre Ulrich, a influência de Mach é mais que evidente, principalmente na concepção de ciência como o aprender a vislumbrar na realidade uma solução sempre parcial, nunca definitiva. O positivismo de Mach é, segundo Jacques Bouveresse, o senso agudo da historicidade e da precariedade das produções científicas, uma disponibilidade constante à mudança e à novidade. Ulrich fala assim sobre o que lhe atrai na ciência: “as leis se buscam em comum sem nunca as considerarmos incontestáveis.” (III-278) Tudo na ciência, ao contrário da filosofia, da religião e mesmo da paixão, é contestável. O pensamento científico, em sua busca de exatidão, não pode admitir a intolerância. Um mundo exato: esta é a utopia do homem sem qualidades.

A “utopia da exatidão” é um dos temas centrais do romance. É da e na exatidão que pode nascer o homem sem qualidades: “Se o elemento observado for a própria exatidão, se o isolarmos e deixarmos desenvolver, se o considerarmos um hábito de pensamento e uma atitude de vida e deixarmos agir sua força exemplar em tudo o que entra em contato com ele, conseguiremos então um homem no qual se opera uma aliança paradoxal de precisão e de indeterminação. Ele possuirá esse sangue-frio deliberado, incorruptível que é o próprio sentimento da exatidão; mas para além dessa

qualidade, tudo o que resta é indeterminado. As relações interiores fixas, tais como as garante a moral, pouco valem para um homem cuja a imaginação está orientada no sentido da mudança; enfim, quando a exigência de uma realização tão vasta e exata quanto possível é transferida do domínio intelectual para os das paixões, acontece esta coisa espantosa a que já fizemos alusão – as paixões desaparecem para dar lugar a uma bondade que se assemelha ao fogo original.” (I-303)

Nunca é demais repetir: a exatidão não é a procura de uma verdade absoluta, inquestionável, mas a aceitação da eterna mudança de tudo. Portanto, não existe nenhum idealismo nesta “utopia de exatidão”, nem uma idéia reguladora através da qual poderíamos medir o progresso da humanidade. Ulrich é enfático a esse respeito: “Eu penso que todo progresso constitui uma regressão. Só existe progresso num sentido determinado. E como a nossa vida, no seu conjunto, não possui qualquer sentido, também nunca conhece verdadeiramente um progresso verdadeiro.” (II-210)

A ciência de Ulrich pode ser considerada uma “exploração de superfície” (I-369): não está interessada em encontrar a razão intrínseca, a essência profunda e imutável das coisas, constituindo então uma espécie de antiplatonismo. Neste sentido é possível comparar esse tipo de concepção da prática científica com o que Jean-François Lyotard chama de ciência pós-moderna. Os cientistas modernos precisavam recorrer às grandes narrativas emancipatórias (que davam sentido à história e prometiam o reino da justiça no final dos tempos) para legitimar suas pesquisas. A pós-modernidade surge no momento em que as narrativas emancipatórias entram em decadência, se tornando pouco críveis. O cientista pós-moderno já não tem mais como legitimar seu saber: sua prática se transforma numa “pesquisa de instabilidades”, descartando a procura de leis gerais que poderiam, em última instância, dar sentido ao mundo.

Quem procura o sentido do mundo são os Grandes Homens. O homem sem qualidades deve aprender a se relacionar com o espírito inexato, ou melhor, com o Espírito. Ulrich se pergunta: “que vamos nós fazer com todo esse espírito? Ele vai-se produzindo continuamente em quantidades astronômicas sobre toneladas de papel, de pedra e de tela, também não paramos de o consumir num constante despender de energia nervosa: mas para onde ele vai depois? Desaparece como uma miragem?” (I-184)

Na trama do romance, um dos maiores produtores de espírito é um industrial alemão chamado Arnheim. Sua vida é o oposto da de Ulrich. Arnheim é uma celebridade em todo o mundo, milionário, amigo das personalidades políticas e artísticas mais importantes, autor de inúmeros livros sobre todos os assuntos inimagináveis, da biologia, passando pela mecânica até chegar a sociologia e a metafísica. Ulrich o despreza mas acaba tendo com Arnheim uma relação competitiva. A disputa é pelo prestígio intelectual dentro da Ação Paralela.

Alguns comentadores de Musil, entre eles Jacques Bouveresse, dizem que O Homem sem Qualidades é internacionalmente um romance construído a partir de citações. Musil teria criado personagens que encarnariam pensamentos importantes daquela época. A Ação Paralela seria um palco onde estes “pensamentos vivos” se confrontariam. Clarisse, por exemplo (amiga de infância de Ulrich, mulher de Walter) chega a citar – literalmente – vários parágrafos de Nietzsche, e deseja que o Império organize um Ano Nietzsche onde todos os súditos viveriam conforme o pensamento do filósofo alemão. Outros personagens são mais sutis. Diotima, a dona do salão onde se realizam as reuniões da Ação Paralela, representaria o pensamento Maeterlinck. Arnheim, o Grande Homem, encarnaria o espírito de Ratheneau, com quem Musil discute durante todo o romance.

Arnheim seria o homem não da exatidão, mas da irracionalidade, da “filosofia da vida”. Para justificar e enobrecer sua opção por uma carreira industrial/comercial,

75

Arnheim usa o argumento de que um bom comerciante precisa antes de tudo de intuição. Esse argumento colocaria o capitalista em pé de igualdade com qualquer artista, que também precisa “intuir” para criar. Musil comenta, com a ironia que lhe é peculiar: “Possuir intuição estava nessa altura em moda entre todos aqueles que não conseguiam justificar inteiramente a sua atividade através da razão. Isso desempenhava mais ou menos o mesmo papel que hoje se atribui ao fato de ser 'dinâmico'. Tudo que se fazia de falso, tudo quanto não dava inteira e profunda satisfação, justificava como sendo feito por intuição. Recorria-se à intuição tanto para cozinhar um prato como para escrever um livro.” (II-285)

Nada pode ser mais inexato, mais irracional, do que a intuição. Arnheim se orgulha da irracionalidade de sua atividade, traçando um paralelo entre os negócios e a poesia: “Refiro-me,

naturalmente, aos negócios em grande escala, aos negócios de ordem internacional, como aqueles que me coube em sorte de tratar; eles estão aparentados com a poesia, apresentam aspectos irracionais e até francamente místicos; direi mesmo que eles têm o monopólio da poesia, ou pelo menos, o privilégio. Bem vê, o dinheiro é uma potência extremamente intolerante.” (I-330) Essas colocações, que podiam ter sido retiradas dos livros de Ratheneau, causam horror a Musil, com seu culto de exatidão (que traz consigo um ataque direto a todas as formas de intolerância). O Grande Homem é, por essas razões, o homem da decadência. Diz Arnheim: “A ciência? A cultura? Resta-nos arte. De fato, a arte devia ser a primeira coisa a refletir a unidade da existência e a sua organização interna. Mas todos nós sabemos o quadro que ela hoje nos oferece: uma desintegração geral, os extremos sem comunicação entre si... Nós, os contemporâneos, temos a sensação muito nítida de que nada nos resta a fazer.” (I-240) Para Arnheim, o mundo já viveu sua época de glória: “a partir da decadência da Igreja, isto é, mais ou menos no início da civilização burguesa, a alma entrara numa época de depauperação e velhice. A

76

partir daí, perdera Deus, perdera todos os valores, todos os ideais estáveis! Ponto por ponto, estas colocações são opostas ao pensamento de Ulrich. Arnheim acredita que só o “coração” (isto é, a intuição e não a exatidão) pode inverter esse processo de queda que acabará por destruir o Espírito.

### XXX

Mesmo irracionalista, o Grande Homem acredita em sua biografia. Ele tem uma “obra” a partir da qual pode dar coerência a sua vida, transformando-a numa narrativa linear. Tal crença está vetada para um homem sem qualidades. Se nada permanece, se tudo muda, como dizer que o Ulrich de ontem é o mesmo Ulrich de hoje? O homem sem qualidades recusa qualquer tipo de estruturação definitiva. É um sujeito fluido, de contornos indefinidos, em mutação contínua. Não existe progresso ou decadência em sua vida, pois não existem critérios com os quais possamos medir os avanços e avaliar as perdas. Nada se perde, nada se ganha e tudo é possível.

Nem tudo. Como construir um romance sem ter o “eu” como fio condutor? Como construir um personagem onde tudo é indefinido, onde a própria noção de pessoa se transforma a cada momento? O romance tradicional, que chegou ao seu apogeu no século XIX, pressupunha um *self* duradouro que teria suas aventuras, podendo até ser transformado por elas, mas algo de essencial (o “*core*”)

permanecia intacto. Este tipo de narrativa não pode aturar a pura descontinuidade.

Musil sabe que o romance tradicional não pode ser exato. Aqui, a influência do pensamento de Ernest Mach também é decisiva. Segundo Mach, o *self* é uma unidade imaginária, hipotética, antes que uma unidade real. Numa carta de 1908 para Hermann Bahr, Mach esclarecia sua posição: “Quando digo que o eu é insalvável, eu quero dizer que ele reside na percepção humana de todas as coisas, de todas as manifestações, que este eu se dissolve em tudo aquilo

77

que pode-se sentir, ouvir, ver, tocar. Tudo é efêmero, um mundo sem substância que é constituído somente por cores, contornos e sons. A realidade está em movimento perpétuo, em reflexos mutáveis à maneira de um camaleão. É neste jogo de fenômenos que se cristaliza isto que nós chamamos de nosso 'eu'. Do instante de nosso nascimento à nossa morte, ele se transforma sem cessar.” (Citado por Kobry, 1986:125 / 6) Ulrich sabe que a própria percepção do eu como unidade já não é mais plausível. Numa conversa, sua irmã Ágata se queixa: “Quando discutes assim comigo tenho a impressão de estar a ver-me nos cacos de um espelho: contigo nunca consigo ver-me de corpo inteiro!” O homem sem qualidades tem sempre uma resposta na ponta da língua: “hoje ninguém se vê de corpo inteiro, nem ninguém se desloca inteiramente: o segredo é esse!” (I-483) A imagem persistente da fragmentação, dos cacos de um espelho, é perigosa. Só precisaríamos juntar os cacos para ter uma visão global de nosso *self*. Ulrich descarta essa possibilidade (nem tudo é possível num mundo sem qualidades): “O eu já não é mais o que era até aqui: um soberano que promulga éditos.” (II-197) Portanto, o impasse é comum ao personagem Ulrich e ao escritor Musil. Num trecho muito importante do romance este entrecruzamento se evidencia, mostrando como a “crise” do *self* é também a crise da narrativa linear:

“Veio-lhe [o narrador está se referindo a Ulrich] de repente a idéia (tratava-se de um desses pensamentos à primeira vista deslocados e abstratos, que assumem muitas vezes na vida um significado imediato) que a lei dessa vida a que aspiramos, sobretudo quando nos vemos sobrecarregados de tarefas e sonhamos com a simplicidade, não era mais do que a lei da narração clássica! Dessa ordem simples que permite dizermos: 'Depois disto passado, aconteceu isto!' É a sucessão pura e simples, a reprodução da diversidade opressora da vida sob uma forma unidimensional, como

diria um matemático, que nos tranqüiliza; o alinhamento, ao longo de um fio, de tudo quanto se passou no espaço e no tempo, esse famoso 'fio da narrativa', precisamente, com o qual acaba por se confundir o fio da vida. Feliz aquele que consegue dizer: 'quando', 'depois de', 'antes de!' Pode também acontecer-lhe alguma fatalidade, ver-se envolvido nos piores sofrimentos: desde que seja capaz de reproduzir os acontecimentos na sucessão do seu seguimento temporal, ele sente-o tão bem como sente o sol a brilhar sobre o seu ventre. Foi disto que o romance soube tirar um hábil partido; tanto faz que o viajante siga o cavalo através dos campos sob chuva a potes, como faça estalar a neve debaixo das botas, o leitor está sempre confortável. Isto seria difícil de compreender se essa eterna liberdade de prestidigitação da arte narrativa, à qual até as mães recorrem para acalmar as criancinhas, se essa 'perspectiva de inteligência', esse 'encurtamento das distâncias' não fizesse já parte integrante da vida. A maioria dos homens são narradores, na sua relação fundamental consigo próprios. Não gostam de poesia, ou só às vezes. Ainda que alguns 'para quês' e 'porquês' venham interferir com o curso das suas vidas, nem por isso deixam de sentir o maior horror perante qualquer reflexão que tente ir mais além. Apreciam a sucessão bem regulada dos fatos, porque ela tem toda a aparência de necessidade; e a impressão que a sua vida segue um 'curso' representa para eles como que uma proteção contra o caos. Ulrich apercebia-se agora que perdera o sentido desta narração primitiva, à qual nossa vida privada continua presa, muito embora tudo, na vida pública, tenha já fugido à narrativa. Em lugar de seguir uma linha, ela espraia-se sobre uma superfície subtilmente tecida.” (II-412/3)

A literatura de Musil pretende ser uma reflexão que “tente ir mais além”? Para ir além não seria necessário cortar todos os vínculos com o romance clássico? O que restaria depois do romance? O caos? A força de O Homem sem Qualidades parece residir nesta tensão constante entre uma “narrativa primitiva” (depois disto, aconteceu isto e assim por diante – o romance tem uma estrutura vagamente linear) e um personagem que questiona o tempo inteiro esta narrativa levando-a aos seus limites. Não existe solução para esse impasse, não existe harmonia possível entre esses extremos. Segundo Elias Canetti, Musil não via validade ou interesse na solução radical de James Joyce: “Ele rejeitou categoricamente Ulisses que acabava se aparecer em alemão. A atomização da língua lhe

repugnava profundamente. As raras vezes quando ele se exprimiu, de má vontade, sobre este fenômeno, qualificou-o de fora de moda pois era derivado, segundo Musil, de uma psicologia associativa ultrapassada.” (CANETTI, 1986:659) Está vetado, assim, o caminho de um experimentalismo linguístico mais iconoclasta. Musil não abriu mão de um diálogo com a narrativa clássica. A morte do romance estava adiada.

Poucas era as “ousadias” estilísticas que Musil se permitia. A principal delas é a mudança constante de um tom ficcional para um tom ensaístico e vice-versa. Todos os diálogos do livro passam por essas transformações narrativas. Às vezes, Ulrich está falando e o narrador se intromete fazendo uma longa digressão sobre um assunto qualquer: pode ser o amor, a polícia imperial ou a estrutura das cidades modernas. O primeiro parágrafo do livro já denuncia essa estratégia: uma detalhada descrição meteorológica (“estava assinalada uma depressão sobre o Atlântico; deslocava-se de oeste para leste, ao encontro de um anticiclone situado em cima da Rússia”, etc.) se transforma num singelo lugar-comum, não antes sem um toque de ironia: “Por outras palavras, se quiséssemos utilizar uma fórmula ultrapassada, mais indiscutivelmente sensata, diríamos que se estava na presença de um belo dia de agosto do ano de 1913.”

80

Será também a narrativa clássica uma fórmula ultrapassada, mas sensata? O narrador também ironiza suas opções estilísticas. A ironia parece ser sua arma preferida contra os poderes inebriantes da narrativa clássica. Musil confessa em seus diários: “Na releitura dos manuscritos (mais ou menos 10) das primeiras 200 páginas de O Homem sem Qualidades, importante tomada de consciência: que meu modo de escritura pessoal é a ironia.” Até nos títulos dos capítulos podemos perceber a “fina” ironia musiliana: “Acerca da semi-inteligência e da sua fértil segunda metade da analogia entre duas épocas, da natureza amável de Tia Joana e desse monstro que se chama Tempos Modernos”, ou “Um capítulo que pode ser saltado pelas pessoas que não possuem opinião pessoal acerca da utilização do pensamento”.

XXX

Para Ulrich, a ironia é valiosa, mas está longe de poder ser uma estratégia aplicável a qualquer situação. Afinal, quando Ulrich perde o sentido da narrativa clássica, a ironia deixa de ter utilidade. O amor aparece então como o último recurso para encontrar a harmonia num mundo que não pode,

nem deve ter sentido. Musil distingue vida afetiva do amor. A vida afetiva seria território dos sentimentos, do irracional. O amor é o momento sublime de exatidão: “Para se estar apaixonado é preciso ser-se perfeitamente exato, perfeitamente objetivo. Dois Eus que sabem a que ponto o Eu hoje é precário, agarram-se um ao outro... Só quando os homens são perfeitamente objetivos (ou, como quem diz impessoais, ou quase) é que podem também ser apenas amor.” (II-199) A fragmentação do *self* é definitiva, mas não podemos dizer que é algo tolerável. Neste momento, Ulrich não pode encolher os ombros, nem buscar o distanciamento da ironia. O *self* não se basta: ele precisa de uma força externa que possa aliviar a dor, ou o desconforto, da fragmentação.

Musil recorre ao mito platônico do hermafroditismo

81

original para justificar seu “discurso amoroso”. O ser primitivo, inteiro, teria sido separado pelos deuses em duas partes, homem e mulher. Hoje, continuamos a procurar nossa metade perdida. Musil lembra outros mitos semelhantes: Pigmalião, Ísis e Osíris. Num poema de 1923, intitulado justamente de Ísis e Osíris, Musil já falava do amor incestuoso entre dois irmãos, duas metades. Alguns comentadores afirmam que este poema continha o romance “*in núcleo*”.

Os irmãos, no caso de O Homem sem Qualidades, são Ulrich e Ágata, que além de tudo são gêmeos. Quando eles se encontram pela primeira vez, no início do segundo volume, Ulrich e Ágata estão vestidos com as mesmas roupas. A partir dessa cena, o amor de um pelo o outro se intensifica, beirando sempre o incesto. A semelhança espiritual e física entre os amantes é de extrema importância: “Esse desejo de um duplo do outro sexo é tão velho como o homem. Busca-se o amor de um ser que se nos assemelha absolutamente em tudo, ao mesmo tempo que é outro, de uma criatura mágica que somos nós, ao mesmo tempo que continua a ser mágica e possui a vantagem, sobre tudo o que possamos imaginar, de ter uma existência autônoma.” (III-284)

Mas uma experiência amorosa tão extrema é realizável ou, pelo menos, possível? As hesitações de Musil durante a construção do romance não deixam margem para muito “otimismo”. Ulrich tem muitas vezes acessos de desconfiança e mau humor, destruindo em poucas palavras o “desejo do duplo”: “Na sua origem, o amor é apenas um desejo de aproximação, um instinto de posse. Inventaram-se dois pólos, o homem e a mulher, e entre eles esse mundo imenso de tensões, de inibições, de convulsões, de aberrações. Hoje estamos fartos desta ideologia enfatuada, quase

grotesca como uma gastrofobia.” (III-325)

Essas questões ficam ainda mais complexas no momento que Musil introduz suas divagações místicas sobre o Segundo Estado, algo que se confunde com o estado amoroso. O tom é acentuadamente obscuro. Ulrich admite a existência de um segundo estado “bem definido, extraordinário, capital,

82

a que o homem é capaz de aceder, estado muito mais antigo do que qualquer espécie de religião.” (III-121) O Segundo Estado seria uma experiência exaltada, coletiva ou não, que não tem nada a ver com a prática das igrejas organizadas. O amor seria um dos caminhos possíveis, talvez o mais poderoso, para atingir este Segundo Estado. Ulrich promete para Ágata: “Afastar-no-emos de todos os egoísmos, não juntaremos bens, nem conhecimentos, nem amores, nem amizades, nem princípios, nem sequer nos concentraremos em nós próprios: então o nosso espírito abrir-se-á de tal forma que não mais poderemos ficar o que éramos e só nos manteremos em pé confundidos com o mundo.” (III-163)

Nesses momentos “iluminados”, Musil parece se contradizer. Como aliar o misticismo do Segundo Estado com a exatidão? O amor é a nostalgia do todo perdido? A aceitação da precariedade do *self* não pode trazer consigo a tranquilidade (em lugar de sofrimento) e a “harmonia espiritual” (em lugar da busca incessante do duplo)? O Homem sem Qualidades coloca essas perguntas. Elas continuam em aberto. O fato de ser um romance inacabado só deixa dúvidas: Musil também não soube como respondê-las.

XXX

A precariedade do *self* é um tema frequente na arte contemporânea. A narrativa clássica deixou de ser o padrão dominante de escritura. Passamos um bom tempo submetidos a um bombardeio de todo o tipo de experimentalismo formal. A própria música popular foi contaminada por esse vírus fragmentador. (Diz David Byrne, líder do grupo de rock Talking Heads: “então ficou difícil fazer letras narrativas. Eu fui forçado a fazer letras fragmentadas ou não-literais.”) Mas, hoje, pelo que parece, os ânimos estão se acalmando. Os escritores redescobrem o prazer da antiga e clássica narrativa. Voltam as histórias com começo, meio e fim. Reinam a ironia, a paródia, o ceticismo. Nada

quanto a literatura de Robert Musil. Ulrich, apesar de não ter qualidades, ainda pode nos dar muitas lições.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENJAMIN, Walter. Paris, capital do século XX. In: KOTHE, Flávio R. *Walter Benjamin: sociologia*. São Paulo Ática, 1985. p.30-43.

BLANCHOT, M.L'Homme sans qualités. *Magazine Littéraire*, (184): 21-8, 1982.

BOUVERESSE, Jacques. Les Derniers jours de l'Humanité. *Critique*, (339-340):753-805, 1975.

\_\_\_\_\_. Musil, L'Homme exact. *Magazine Littéraire*, (184): 36-41, 1982.

\_\_\_\_\_. Roberto Musil, La philosophie de la vie et les illusions de l'action parallèle. *Revue D'Esthétique*, (9): 119-36, 1985. (Nouvelle Séries)

\_\_\_\_\_. Las science Sourit dans Sa Barbe. *L'Are*, (74):8-31, s.d.

CANETTI, Elias. Reflections, the good man. *New Yorker*, April 7 1986. p43-70.

\_\_\_\_\_. Sur Robert Musil. In: CLAIR, Jean, ed. *Vienne 1880-1938. L'apocalypse Joyeuse*. Paris, Ed. du Centre Pompidou, 1986. p 655-61.

CASTEUX, Elisabeth, Autour d'une oeuvre posthume. *Critique*, (339-340): 863-73, 1975.

CHARLES-ROUX, Edmonde. Monsieur Le Cacanien. *Magazine Littéraire*, (184): 44-8, 1982.

CLAIR, Jean. Une modernité sceptique. In: \_\_\_\_\_. ed. *Vienne 1880-1938. L'apocalypse Joyeuse*. Paris, Ed. Du Centre Pompidou, 1986. p. 46-57

DOSSIER, "Roberto Musil ou la crise de L'Homme moderne". *Magazine Littéraire*, (184): 15-48, 1982.

JANKELEVITCH, Vladimir. L'aventure. In: \_\_\_\_\_. *L'Aventure L'Ennui et le Sérieux*. Paris, Montaigne, 1963. p.9-45.

KOBRY, Tves. Ernest Mach et le “Moi Insaissable”. In: CLAIR, Jean, ed. *Vienne 1880-1938. L'apocalypse Joyeuse*. Paris, Ed. Du Centre Pompidou, 1986. p. 124-29.

LYOTARD, Jean François. *Lá condition postmoderne*. Paris, Minuit, 1979. 109p.

MUSIL, Robert. *O homem sem Qualidades*. Lisboa, Livros do Brasil, s.d. 3V

\_\_\_\_\_. *L'Homme sane qualités*. Paris, Seuil, 1982. 2v. (Collections Points Roman).

\_\_\_\_\_. Isis und Osiris. *L'are*, (74):5-7, s.d.

\_\_\_\_\_. *Journaux*. Paris, Seuil, 1981. 2v.

PEYRET, Jean-François. Musil ou les contradictions de la modernité. *Critique*, (339-340): 846-63, 1975.

SIMMEL, Georg. *On Individuality and social forms*. Chicago, University of Chicago Press, 1971. 395p.